

A FORMAÇÃO DE LEITORES PARA ALÉM ESCOLA

Genisa Lima de Sousa Raulino – Mestranda/Mestrado em Ensino/UERN
genisalima@yahoo.com.br

**Maria Lúcia Pessoa Sampaio – Professora Orientadora/Mestrado em
Ensino/UERN**

RESUMO:

Neste artigo será apresentado o resultado do projeto de intervenção “Biblioteca Itinerante” realizado na primeira fase do Mestrado Acadêmico em Ensino pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, a partir da disciplina: Formação do Leitor e Ensino de Literatura. O nosso objetivo é contribuir e ampliar as discussões acerca da leitura no ensino fundamental, refletindo sobre a prática efetivada diariamente em sala de aula, o argumento dos docentes referente à sua ação e sobre a aplicação do projeto interventivo de leitura ora mencionado. Este último, desenvolve-se com a finalidade de colaborar, partindo das suas múltiplas ações, na construção do processo de ensino-aprendizagem e formação do leitor. Foi nossa pretensão identificar as possíveis diferenças entre a leitura realizada na escola e aquela praticada em outros contextos, bem como, ampliar o diálogo nas diferentes linguagens, numa perspectiva que possibilite transformar o processo educacional dos leitores em formação. Nossas análises e constatações são baseadas em dizeres de grandes autores que discutem essa problemática envolvendo o ato de ler e a conseqüente formação leitora, entre eles: Maia (2007); Cosson (2014); Sole (1998) Kaufman (1995); Ramos (2011) entre outros que se inserem nesse contexto da necessidade urgente quanto às inovações do trabalho com o texto em sala de aula e fora dela. Para tanto fizemos o uso de um projeto de intervenção, com momentos dialógicos, e ainda, usamos os relatos e depoimentos dos sujeitos envolvidos no processo de intervenção. É uma pesquisa de cunho qualitativo, numa abordagem da pesquisa-ação. Como resultados, tecemos que há uma necessidade urgente quanto às inovações técnico-metodológicas de ensino da leitura nas escolas.

Palavras-chave: Leitura; Sala de aula; Intervenção.

1 Introdução

Não é de hoje que temos ouvido, em grande escala, discursos de professores e pais de alunos que refletem inquietação quando o assunto em questão é o gosto pela leitura, seja por parte dos alunos, uma vez na escola, seja enquanto filhos no dia a dia em sua própria casa. Esses discursos levantam muitas indagações quanto à responsabilidade no despertar o gosto de ler pela escola e sobre o papel da família na continuidade dessa prática no cotidiano de seus filhos.

O problema toma maiores proporções quando o discurso de aversão à leitura é proferido pelos próprios estudantes, que afirmam não gostar de ler na escola e nem tão

pouco fora dela. Temos ouvido constantemente, destes, que as leituras escolares são, em sua maioria, enfadonhas, cansativas e não trazem nenhum atrativo que não o cumprimento de mais uma tarefa encaminhada pelo professor.

Como driblar todos esses problemas e repensar as atividades escolares, voltadas à prática de leitura? Isso tem sido alvo de muitas pesquisas e publicações ao longo das últimas décadas. Todas, numa tentativa de fazer com que os professores tenham um olhar diferenciado para essa prática, e que os mesmos sejam conscientes de que muito depende de sua concepção de leitura, o seu “ensino da leitura”. Assim, responder as indagações: Por quê? Para quê? E como? Tem uma importância fundamental para o início do trabalho com a leitura em sala de aula. Essas questões podem apresentar um diferencial entre dificultar o processo ou facilitá-lo de modo à, segundo Sole (1998), promover o surgimento de leitores, críticos e transformadores.

É bastante nítida a necessidade do envolvimento da família neste processo de formação do aluno-leitor, principalmente quando o foco é o gosto e prazer pelo ato de ler, pois não é necessário ser especialista no assunto para perceber que no ambiente escolar torna-se quase impossível promover momentos de leitura, uma vez que grande parte dos educandos não estão inseridos num ambiente que favorece a leitura. É nesse contexto que entra o papel da família, primeiro enquanto exemplo e segundo como incentivadora.

Desse modo, é possível perceber que nem todas as famílias, dos milhões de alunos espalhados por esse país, dispõem de conhecimentos, recursos financeiros entre outros tantos esforços que são necessários para que esse exemplo/incentivo de fato ocorra. Porém, é evidente a existência de milhares de bibliotecas escolares e públicas municipais pelo país a fora e ainda, da distribuição, em grande quantidade, de livros didáticos e de literatura, efetivados pelo Ministério da Educação - MEC aos alunos matriculados nas escolas públicas do Brasil, temos então condições de crer na possibilidade da participação mais ativa da família no envolvimento dos estudantes com o mundo da leitura.

Assim, vislumbrar essa possibilidade, é aumentar o leque de discussões sobre as práticas de leitura na escola e para além dos seus muros, torna-se uma tarefa difícil, porém desafiadora, instigando-nos à criação de um projeto interventivo a partir da inovação de algumas ideias difundidas por alguns autores para uma possível verificação da aceitação e consequente sucesso do projeto *in loco*.

Nesse sentido, nosso trabalho encontra-se estruturado em dois tópicos, o primeiro intitulado com *O Projeto Interventivo de Leitura* – que trata da implementação do projeto “Biblioteca Itinerante”, do que seja esse projeto e suas finalidades; o segundo tópico *Da Biblioteca Itinerante, uma análise* – apresenta uma análise do trabalho desenvolvido, tecendo inferências dialogadas com autores mencionados anteriormente. Nas nossas considerações finais, elencamos pontos percebidos mediante as práticas de leituras vivencias e observadas no contexto escolar e no meio social no qual os alunos estão imersos.

2 O Projeto Interventivo de Leitura

A escola selecionada, para o desenvolvimento do nosso projeto, faz parte da rede de ensino do município de Pau dos Ferros, RN, que trabalha com duas turmas de pré-alfabetização na educação infantil, e de 1º ao 5º ano do ensino fundamental I. O espaço físico é constituído de cinco salas de aula, uma cozinha, uma secretaria, e apesar de não possuir uma estrutura física para que funcione adequadamente, a equipe é responsável e tem interesse pela melhoria e desenvolvimento dos alunos, principalmente no quesito leitura.

Desenvolvemos, especificamente, o nosso projeto em uma sala de 5ª série do ensino fundamental I, composta por 24 alunos de idades que variam entre 10 e 11 anos. São crianças, em sua grande maioria, advindas de famílias reconhecidamente carentes, porém não menos merecedoras de oportunidades para exprimir seus anseios em relação à educação e sua força de vontade na absorção do conhecimento.

Segundo Moretto (2003, p. 11) “[...] somos a sociedade do conhecimento. Tem poder quem tem o domínio do conhecimento socialmente construído e capaz de gerar tecnologias cada vez mais “inteligentes” [...]”. Dessa forma, compreendemos que é por meio da leitura que seja possível dá oportunidade a todos que buscam esse “poder” e, assim cumprir com o grande objetivo das escolas deste país que é a preparação do indivíduo para a transformação do meio em que vive.

A definição para implantação do projeto “Biblioteca Itinerante” aconteceu posteriormente a uma visita à escola, onde em diálogo com sua direção fomos informados de que esta possui um acervo literário consideravelmente bom, mas não possui um ambiente próprio para a biblioteca. Assim, quando os professores solicitam a

consulta dos livros para as atividades de leitura, eles são expostos no pátio ou levados à própria sala de aula. Com esse discurso constatamos que esta escola nos proporcionava um ambiente favorável para o desenvolvimento da “Biblioteca Itinerante”.

Idealizamos um projeto em que o aluno levasse o livro para casa, com o objetivo de desenvolver o gosto pela leitura junto a seus familiares. Para isto, decoramos uma pasta estilo mala, para a condução do livro escolhido pelo aluno em sala de aula. O livro foi colocado na malinha onde já estava um jornal e uma revista destinados aos pais, irmãos ou responsáveis pelos alunos, que os aguardavam, como havia sido combinado em reunião anterior a este momento, na implantação do projeto interventivo, que aconteceu a contento e entusiasmo de todos os participantes na referida escola.

Zagury (2002, p. 232) nos mostra que “A escola é uma instituição de ensino e de formação, tal qual a família. [...] Somos parceiros e não oponentes”. Fica notável por assim dizer, a importância do envolvimento da família no desenvolvimento de hábitos, gostos e atitudes dos alunos em todos os níveis. É preciso fazer com que a casa seja a extensão da escola e vice-versa. Estávamos, pois seguindo um caminho certo.

No dia do retorno da mala, ninguém a esqueceu e cada um tinha uma história para contar, todos os alunos leram os livros escolhidos e o mais curioso é que eles também leram alguns textos tanto do jornal como da revista. Relataram os depoimentos sobre os textos que o pai, a mãe e irmãos leram. Em um dos depoimentos dos alunos, relatando a leitura da mãe, reportou a uma matéria que falava de um hospital bem conceituado fora do Brasil e comentou da importância de um bom hospital para as pessoas, lamentando que aqui a nossa saúde fosse tão precária. Outros relatos foram contados dos textos que os pais leram, sobre esporte, política e outros assuntos.

Esse fato nos remete aos dizeres de Freire (1984, p. 11) quando afirma que “O ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo”. E, complementando essa afirmação, que se encontra implícita nos depoimentos dos alunos, em seus comentários sobre o processo de leitura em suas residências dentro do projeto, corroboramos com a opinião de Maia (2007, p. 27) quando afirma que “o conceito de leitura se alonga de modo que a experiência prévia, a visão de mundo e o conhecimento anterior são importantes para a construção dos significados acerca do lido”.

Esse olhar diferenciado para a leitura e possível compreensão do texto, nos faz observar uma necessidade de mudança em alguns trabalhos práticos, ainda numa visão

tradicionalista, presente em muitas salas de aula neste país e, isso nos remete à questão ligada à formação dos profissionais de educação. Estes, que tem a maior parcela de participação no processo de formação do leitor na escola e fora dela, também precisam acompanhar as mudanças desse novo século numa perspectiva de mais tarde contar com leitores que demonstrem o gosto e prazer pelos textos que leem.

A esse respeito é necessário refletirmos sobre o que nos diz Moretto (2003, p. 13):

Os novos rumos da educação brasileira apontam para a busca da formação de um novo profissional e de um novo cidadão. Essa orientação necessita transformar-se em ação no ambiente privilegiado de interação que é a sala de aula.

Creemos que para seguir essa linha da formação de um novo profissional, sejam necessárias muitas mudanças no sistema educacional como um todo nesse país. É válido afirmar que muito já se andou nesse aspecto, prova disso são as tantas pesquisas realizadas que comprovam mudanças, assumidas pelas universidades, no modo de preparar esses profissionais. Como se não bastasse, os estudos continuam a todo vapor na tentativa de mobilizar todos os envolvidos na educação para uma inovação que acompanhe a ultra modernidade dos tempos. Temos novos contextos, novas tecnologias, novos alunos e isso, sem dúvidas, pede novos profissionais que formarão o cidadão de um futuro ainda mais avançado em todos os termos, inclusive no modo de estudar e fazer ciência.

O próprio material de uso diário do professor vem tentando acompanhar esses “tempos”, sendo aperfeiçoado dia após dia. Diretrizes, parâmetros, metas e objetivos são lançados com olhos nessa nova demanda. A concepção de que através da leitura o ser humano consegue se sobressair de todas as situações do cotidiano, nos dar as condições de imaginar essa ação posta em prática.

Observando os Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa (BRASIL, 1997, p. 53) é possível encontrarmos uma definição para a leitura como “[...] processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto [...] Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão [...]”.

Uma vez compreendida essa definição pelos professores e alunos, é impossível não se trilhar melhores caminhos na condução da formação do leitor. Porém nem sempre é assim. A responsabilidade com a atividade leitora recai sempre sobre o

professor de língua portuguesa e este, além de lançar mão de um discurso negativo em relação à postura dos seus alunos no tocante à leitura, ainda trabalha nesta formação sozinho, como se as outras disciplinas não tivessem a mesma importância.

Ramos (2011, p.7) explicita essa questão quando afirma que “As atividades não precisam ser necessariamente aplicadas em aulas de Língua Portuguesa. É importante que em todos os campos do conhecimento os alunos tenham a oportunidade de ler e escrever todos os dias”. Isso nos mostra claramente que assim como o envolvimento da família se fez importante na leitura, especificamente nesse projeto, o envolvimento de todos os professores tem também uma enorme relevância para o sucesso do processo pelo gosto de ler e, atentar para esse trabalho coletivo será sempre um dilema, mas que precisa ser vencido.

3 Da Biblioteca Itinerante, uma análise

Uma atividade que tinha como objetivo principal estimular a leitura entre os alunos e no âmbito familiar, foi capaz de obter resultados ainda maiores, visto que a leitura foi o ponto inicial gerador de diálogo e de maior e melhor interação familiar. Essa relação, esse diálogo gerado a partir das leituras realizadas em família, muito tem a contribuir com essa formação leitora que tanto defendemos. Bakhtin (2010) afirma que “O diálogo é senão uma das formas de interação verbal [...] de toda enunciação verbal de qualquer tipo que seja [...] o livro, isto é, o ato de fala impresso, constitui igualmente um elemento da comunicação verbal” (BAKHTIN, 2010, p. 127).

Instaurar, pois, esse diálogo familiar sobre os temas que foram lidos dentro do projeto, acenam para essa interação que é por si só, responsável por outras discussões, aumentando o leque de conhecimento dos envolvidos no diálogo ao passo em que estes podem perceber a função social da leitura e o estabelecimento de uma comunicação verbal também com os livros.

Além disso, o mais importante é que o objetivo do projeto superou expectativas e houve uma inversão dos papéis, pois os alunos se tornaram os principais motivadores na participação dos pais nos momentos de leitura em suas residências. Acreditamos na possibilidade de que estes (alunos e pais) possam despertar, reciprocamente, o interesse em manter uma relação mais próxima com os livros, já que a troca de ideias pós leitura

se fez presente durante a realização do projeto. Percebe-se, inclusive, que este tenha tomado proporções não imaginadas no início de seu percurso.

Micheletti (2006, p. 18) afirma que:

Ler é mesmo sujeitar-se ao risco, mas a aventura faz-se necessária, pois,[...] o homem também, e principalmente, se revela na sinfonia das palavras, no ritmo que elas estabelecem e, nelas, se conhece, se reconhece e se supera. E a leitura é a ponte inconsútil, suspensa no ar, sustentada na razão e no sentimento, que nos conduz ao outro e a nós mesmos.

É esse risco mencionado pela autora que pode explicar o fato de os pais, mesmo que num pequeno percentual, possam continuar envolvidos com a leitura. Para tanto a professora colaboradora e a direção da escola nos comunicou a decisão pela continuidade do projeto Biblioteca Itinerante, o que nos faz acreditar que as novas ideias são também contagiantes, muito embora, a princípio e dependendo do momento, possam causar alguma aversão ao professor, notadamente pelos tantos trabalhos que sempre tem a fazer entre outros aspectos intrínsecos à profissão que funcionam como entraves para a realização de certas atividades, mas que não cabem nessa discussão.

Na verdade, no desenrolar de novos projetos e da luta constante pela formação do aluno leitor e, conseqüente, formação do leitor espera-se, também em consonância com os dizeres de Micheletti (2006, p.19), que “o professor possa tornar-se um verdadeiro mediador entre o texto e os alunos, que ele se abstenha de seu papel de guardião do saber, sem abdicar, contudo, de sua condição de leitor mais maduro”.

4 Considerações Finais

O que se verifica diante do projeto de intervenção, frente aos tantos problemas relacionados à leitura, conforme descrevemos no início deste nosso trabalho, é que há uma necessidade urgente quanto às inovações técnico-metodológicas de ensino da leitura nas escolas, em sua grande maioria. Os modelos arcaicos de ensino e de manutenção diária dos textos em circulação nas salas de aulas podem constituir o maior universo do problema tido por muitos professores, os quais se arrastam há décadas.

Os recursos didáticos utilizados pelo professor que tende a prender-se, na maioria das vezes, ao livro didático fornecido pela escola, pode também colaborar para que haja uma aversão dos estudantes pela leitura meramente para fazer uma

interpretação. Ou seja, a maioria dos livros traz textos que não despertam interesse e são quase que totalmente, utilizados como pretexto para o ensino de gramática, por exemplo. Essa situação acaba por não contribuir com o processo de formação do leitor já que esta leitura se faz por obediência ao professor ou em cumprimento de uma tarefa avaliativa/escolar.

Além disso, a inexistência de salas específicas para a leitura e/ou bibliotecas escolares, tornam mais difícil a vida de professores e alunos empenhados em galgar outros horizontes a partir da leitura de livros literários e afins. Nesse intento, cai por terra o gosto do professor em planejar e promover momentos de leitura e o do aluno já fadado da mesmice em relação às tarefas textuais.

Não obstante, boa parte das famílias tem uma ideologia de que a escola é uma espécie de depósito dos filhos, assim dificilmente se envolvem com questões ligadas a leitura ou outras atividades, sem que sejam solicitados e/ou instigados a participar da vida estudantil de seus filhos. A grande maioria dessas famílias não é letrada e aposta nos filhos um futuro promissor, mas não se sentem motivadas também para desenvolver seu verdadeiro papel dentro do processo de educação destes. Porém, uma vez envolvidos em atividades diferenciadas podem, como foi possível verificar na participação destes no projeto apresentado, participar de forma mais ativa na formação dos filhos.

Fica, portanto, evidente que a formação dos professores deve trilhar caminhos que atendam essa nova demanda por novos profissionais. Já os professores, por sua vez, devem investir em inovações em sala de aula, principalmente no trabalho com a formação de leitores. É preciso planejar o novo, o diferente que possa “competir” e simultaneamente se aliar às tecnologias disponíveis na escola e operadas pelos alunos, algo comum nos dias de hoje.

São inúmeras as experiências/projetos que vem dando certo e são publicados para que sejam aperfeiçoados às necessidades de cada escola, de cada turma. No entanto, é essencial que os professores tenham também a disponibilidade de se tornarem leitores assíduos, pesquisadores e, dessa forma adquirir novos conhecimentos, preparando-se para atender os anseios daqueles que ainda não despertaram o gosto de ler, algo imprescindível quando se fala em poder, em construção, em transformação de um mundo que cada vez mais depende do coletivo.

E, como muito bem explicita Cosson (2014, p. 179), “ler não tem contraindicação, porque é o que nos faz humanos[...]. Todas as formas de ler são

diálogos entre passado e presente. Todas as formas de ler são modos de compartilhar saberes, experiências e concepções da vida e do mundo”.

Esse é mais um convite aos docentes que detêm as possibilidades de encantar seus alunos com essa ideia e tantas outras, de modo a promover a prática e o gosto pela leitura em todos os seus aspectos.

5 Referências

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: Língua portuguesa**. Brasília, 1997.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler, em três artigos que se completam**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1984.

MAIA, Joseane, **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007.

MICHELETTI, Guaraciaba, **Leitura e construção do real: o lugar da poesia e da ficção**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MORETTO, Vasco Pedro. **Construtivismo: a produção do conhecimento em aula**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

RAMOS, Rossana. **200 dias de leitura e escrita na escola**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZAGURY, Tania. **Escola sem conflito: parceria com os pais**. Rio de Janeiro: Record, 2002.